



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Identidade, memória e representação pantaneira: a extraordinária vida de Maçu

Lidiane da Cruz Silva¹

Ivanildo José da Silva²

Eu vivo pouco, mas o pouco que eu vivo, vou viver do jeito que eu quiser, não do jeito que os outros querem!
Maçu

A biografia apresentada neste trabalho, em forma de documentário, retrata a vida de uma *persona* histórica de Coxim, resiliente aos obstáculos enfrentados por conta de sua orientação sexual. Marcílio Filho Cruz, conhecido como Maçu, nasceu na cidade de Guataporanga - SP no dia 11 de junho de 1956. Hoje, aos sessenta e sete anos, reside em Coxim e rememora que “desde a infância possuía afeição por coisas de mulheres como bonecas, roupas, acessórios e cosméticos”. Além do mais, relata o envolvimento com homem desde a tenra idade. Diante do enfrentamento social à época e moldes cristalizados de sociedade, sobretudo acerca do preconceito, por meio da família, Estado e Igreja, namorou no passado uma mulher: “Namorei para encobrir minha mancha!”, visto que queria “esconder” de seus familiares e amigos o desejo de relacionar-se sexualmente e afetivamente com homem.

No audiovisual, Maçu fala do lugar de pertencimento de onde vive, de sua religião, família, amores e sua representatividade no meio pantaneiro desde a década de 1980. Sua trajetória, contada por meio da oralidade, é de uma trans ainda em tempo GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Sendo assim, o objetivo deste trabalho é publicizar essas memórias de enfrentamento - de sua orientação sexual - nas redes sociais para que outras pessoas tenham mais visibilidade e direitos reconhecidos.

Candomblecista e umbandista, Márcia, nome escolhido por ela, é praticante de cultos de matriz africana. Desde muito cedo relata que teve que “desenvolver a prática”, pois sentia uma sensibilidade mais intensa para a mediunidade. Durante visita em sua residência, pode ser constatado vestígios de sua fé por meio de imagens de santos e terços.

¹ Acadêmica do oitavo semestre de Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

² Orientador. Docente do curso de Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

Márcia, (trans) vivida no Pantanal, experiencia o que diversas outras mulheres-trans sofrem no Brasil e no mundo, sendo refém do preconceito proveniente de uma sociedade conservadora. Mesmo assim, supera seus problemas e situações experimentadas diante de sua orientação sexual, seu jeito de se vestir e ser mulher. Márcia gosta de viver, curtir a vida, dançar, uma vez que tem bom relacionamento com as pessoas, tem bons amigos e conta que nunca passou pela cabeça a vontade de “tirar a vida”.

Negra, trans, moradora periférica e analfabeta, não teve muitas oportunidades e visibilidade para a sociedade. Mesmo assim, o fato de existir a desafia a qualquer sistema de opressão. Marcílio-Maçu-Márcia, desbravou, ainda no século passado, os desejos sexuais mais vigiados em Coxim em tempos difíceis por conta do preconceito.

Diante dessas informações, o documentário, disposto no *link* abaixo, é visto pela perspectiva da história oral, uma vez que “a história oral decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. É neste sentido que não se pode pensar na história oral sem pensar em biografia e memória”. (Albertini, 2008, p.23)

Acessar em: <https://youtu.be/pTKu2Lnp1YE?si=BY2JQ93xO-Tl5BRd>